



MELO, Thálita Motta. Praia da Estação: O movimento de carnavalização não-oficial de Belo Horizonte sob a ótica da etnocenologia. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, Mestranda.

RESUMO

O ponto de partida dessa comunicação se descortinou através da inquietação vivenciada pelas manifestações artísticas e festivas da cultura jovem de Belo Horizonte: o fenômeno da carnavalização contemporânea, mais especificamente o Movimento da Praia da Estação, onde os jovens, em sua grande parte artistas, ressignificam o lugar da *Praças* e apropriando do símbolo da *Praia*, lugar de democratização do lazer. Neste objeto de estudo é lançado um olhar mais demorado tendo como superfície de abordagem a etnocenologia, onde o rito urbano e carnavalesco da praia sobre a praça gera um acontecimento performativo com fortes nuances políticas e estéticas que formam uma identidade étnica e urbana muito particulares da festividade.

PLAVRAS- CHAVE: Praia da Estação, Carnaval, Etnocenologia, Urbano

ABSTRACT

The starting point of this communication emerged by the uneasiness lived by the artistic and festive expressions of the youth culture of Belo Horizonte: the contemporary carnivalization phenomenon, specifically the “Movimento da Praia da Estação”, where young people, mostly artists, resignify the Estação Square, appropriating of the symbology of the beach, place of the democratization of the leisure. In this study object is released a more dedicated look having as a surface approach to ethnoscenology, where the rite of urban and beach carnival on the square generates a performative event with strong political and aesthetic nuances that make an urban ethnic identity and the very special festival.

KEYWORDS: Praia da Estação, Carnival, Ethnoscenology, Urban

O DIRETO (DE CARNAVALIZAR) À CIDADE

Este presente estudo faz parte do embrionário projeto de pesquisa apresentado à Pós-graduação da Escola de Belas Artes da UFMG. Pesquisa que surge por meio do *estranhamento* do meu corpo, habitado de outras paisagens menores em tamanho e ruídos, frente ao corpo de imensas paisagens ruidosas que se faz Belo Horizonte. É nessa paisagem global da pesquisa, a metrópole mineira, que me ocorreu também o processo lento de *entranhamento* da cidade, com seus fluxos, ritmo e ansiedade característica das grandes urbes, junto à minha corporeidade.

No entanto é na experiencição da paisagem local da pesquisa, na festa urbana do *Movimento da Praia da Estação* que se estabeleceram para mim, recém habitante da capital, as relações de pertencimento tão necessárias ao *habitar*. Toda essa sensação de pertencimento e de acolhimento seria o vislumbre da potência de estar ali naquele espaço da praça, praticada pela festa, reivindicando-se como *lugar* de construção de uma possível democracia.

Logo no seu descortinar, a pesquisa foi infiltrada pela possibilidade de nutrir, pelas veias abertas da Etnocenologia, o estudo sobre a pulsação desse rito urbano também embrionário, a *carnevalização* da praça que se pretende praia na paisagem metropolitana mineira.

Considerando o carnaval como um evento previsto pela oficialidade nacional, no entanto é ainda um momento de celebração extra-ordinária, ao se distanciar da vivência cotidiana da população das grandes cidades, onde a brincadeira, a descentralização e a suspensão hierárquica não estão em constante presença.

Belo Horizonte também possui em seu cronograma festivo o desfile das escolas de samba, o ponto alto do carnaval na capital mineira, no entanto, a função primária do incentivo do poder público para com o evento se pauta pela necessidade do aumento do fluxo turístico em Belo Horizonte durante o feriado. Além do incentivo municipal, o carnaval oficial de Belo Horizonte projeta também a participação da iniciativa privada, como esclarece Novaes, presidente da Associação Cultural Sambadez, em uma entrevista sobre a mudança de território do carnaval de 2012 para o jornal *Hoje em Dia*¹:

A mudança vai atrair a classe média e os patrocinadores, sem contar que os custos vão diminuir. Empresas consolidadas e de expressão nacional vão querer ter o seu nome vinculado a uma festa como essa, feita em um dos pontos mais charmosos da cidade.

¹A matéria na íntegra pode ser acessada pelo link: <http://www.hojeemdia.com.br/cmlink/hoje-em-dia/minas/boulevard-arradas-ganha-o-carnaval-de-bh-1.223324>

Em contrapartida, nos últimos quatro anos outra proposta de festa carnavalesca vem sendo construída pelos jovens, o carnaval não-oficial de

Belo Horizonte vem ganhando visibilidade e identificação, em especial com o *Bloco Praia da Estação*. Com a preocupação em se re-apropriar ludicamente e ideologicamente das ruas e praças da cidade, acredita-se que o movimento vem adquirindo um status performativo e revolucionário, como provoca Joviano Mayer, militante das brigadas populares:

Ouso dizer que uma revolução verdadeira também deve ter como horizonte imprimir a festa na cotidianidade do urbano, e o carnaval é uma grande festa. Em Belo Horizonte, o carnaval de rua permitiu em certa medida a (re)ocupação do espaço público, a socialização da gente e a contestação do poder constituído.(MAYER, 2012, s/p.)

Além dos ensaios para o Bloco de carnaval da *Praia da Estação* e sua presença como festa carnavalesca, o Movimento se expande também ao longo do ano por meio de chamadas via redes sociais, onde a ocupação pode ser proposta por qualquer pessoa, perdendo inclusive um caráter de centralização organizacional.

No entanto a ocupação da Praça da Estação é ilegal devido o decreto municipal (N.º 13.960) que privatiza seus direitos de uso, sendo este um grande impulsionador ideológico da tentativa de disrupção com o poder constituído que propõe o movimento. Tornando-se assim, um movimento irreverente e ativista de oposição ideológica ao governo municipal, entre outras questões. Esse movimento de disrupção é principalmente uma reivindicação ao direito à cidade, como enuncia Lefebvre:

O direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (a atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto a propriedade) estão implicados no direito à cidade. (LEFEBVRE, 1969, p.124)

Dessa forma, o movimento de carnavalizar a urbe é um chamado a habitá-la como obra, como *atividade participante* da qual pronuncia Lefebvre, e indo além, é um convite de apropriação, à prática da subjetivação na cidade.

A CARNAVALIZAÇÃO, A PERFORMATIVIDADE E A ETNOCENOLOGIA

“A etnocenologia nasceu como um rio formado pacientemente pelo inundamento de miríades de afluentes, rios que transformam um fio d’água em potência.”(Jean-Marie Pradier)

O caráter de performatividade do rito carnavalesco não-oficial mediado por uma visão junto à Etnocenologia é entendido como uma poética possível da performance cultural em que corpos-foliões-banhistas celebram a subversão do espaço cotidiano para um lugar outro, extra-cotidiano.

Ainda em fricção com o discurso performativo, a Etnocenologia atua como desestabilizadora das convenções dadas pelo discurso oficializado. Propõe um olhar participativo, um olhar/analisar com o corpo todo, aparentemente sem medo do contágio com o movimento a ser pesquisado.

Entretanto, um novo modo de habitar a *praia* na praça parece confundir a noção de performatividade cultural apreendida sob uma ótica da organização cultural como coletividade, tocando também em pontos nevrálgicos de discussão da Etnocenologia.

É possível perceber que mesmo sem o esforço coletivo de ressignificação da praça, organizado *à priori* num tempo/espaço determinantes e com características estéticas próprias, há também uma ocupação individualizada durante todo o ano.

Isso faz com que se expandam as fronteiras de significação dessa praça/praias para além do carnaval. De foliões para banhistas, duas figuras antes amalgamadas, aparentemente ganharam um contorno ainda mais performativo, visto que o banhista, por meio de sua presença, apropria-se daquele espaço e (re)compõe sozinho a paisagem da praia. Ainda sim, há a carnavalização, mas seria uma operação espontânea, não mais apenas se trata de uma organização coletiva.

Esta figura que antes se inscrevia num contexto coletivizado, quando se torna um único agenciador presencial da ocupação-praias desloca o olhar dos próprios participantes da festa agenciada pelo coletivo, evoca-se a memória do *movimento-praias* naqueles que a praticaram ou que a avistaram, tornando se também potência.

SOBRE A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO CORPO (ou por que criar para si um *corpo-folião*?)

Para nascer, para ser alguém, para obter um nome, para estudar, para se casar, para ter um filho, para se graduar, para se internar, para habitar, para sair do país, para voltar, para dirigir, para trabalhar, para receber pelo trabalho, para se aposentar, para ter onde enlouquecer, para ter onde envelhecer e para morrer e termos o certificado somos inquestionavelmente institucionalizados. Para que a micro-institucionalização fosse possível foram criadas as instituições que estão em sua maior parte inseridas em outra grande instituição a que chamamos de cidade.

Estas micro-institucionalizações, *micro* se comparadas à Institucionalização-total dos corpos da qual disserta o cientista social Erving Goffman, nos convencionam a uma corporeidade ainda próxima, no caso dos brasileiros, a uma matriz colonizadora, agenciadora da autonomia do sujeito.

Os micro-poderes *institucionalizantes* aliados a problemática do convívio cotidiano com a *ameaça* da violência das cidades, proporciona um empobrecimento das relações humanas nesse grande corpo-instituição.

Evidenciado que a cidade constitui-se, grosso modo, por fluxos, memórias, representações e produção de sentido. Nela se supõe a existência de lugares² e não-lugares³, mas, sobretudo, se evidencia que o fluxo material e imaterial do consumo seja uma força-motriz impulsionadora de suas relações, como sugere Guy Debord em *A sociedade do Espetáculo*.

Pois é justamente na desgastada paisagem urbana que se circunscreve a Praça da Estação. Seu contexto de privatização dos direitos de uso por meio de um decreto municipal é fundamental para entendermos a importância deste movimento cultural e também político, que resiste por meio de corpos-foliões ao cotidiano corpo-ferramenta fomentado por todo um complexo sistema econômico e social em que estamos submersos, como explora Ribas (s/a, p.4) “Um corpo é como um mapa para uma cidade: só uma ferramenta. Da mesma forma, ao revés indissolúvel, o espaço da cidade é para um corpo o local de sua produção”.

Infiltrado na pele da cidade, o corpo-folião enriquece sua experiência humana ao se contaminar com o espaço urbano e dissolver, naqueles instantes de rito festivo, a condição de corpo-ferramenta, são corpos sem utilidade para a máquina urbana, em disrupção.

² Lugar, aqui considerado pela definição segundo Milton Santos, como espaço praticado.

³ Segundo Izabel Margato e Renato Cordeiro Gomes, o não-lugar não constrói laços tradicionais de identidade, mas relações pragmáticas com os indivíduos. São espaços voltados à não permanência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FICHER-LICHTE, Erika. **Performance e Cultura Performativa: o teatro como modelo cultural**. Lisboa: Edições Cosmos, 1998.

GOFFMAN, Erving. Manicômios, Prisões e Conventos. Tradução de Dante Moreira Leite. 7ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Documentos, 1969.

MAYER, Joviano. **Carnavalizar o urbano. Avante BH!** Belo Horizonte, 2012. Disponível: <<https://docs.google.com/document/d/1eXkbEoseqTGnBzGWjUbl6J3TwtWHYfzknIvdGs6yXk/edit?pli=1>> Acesso em: 18 Ago. 2012.

PRADIER, Jean-Marie. **A língua exhibe nossos preconceitos**. In: Etnocologia : textos selecionados. Org: GREINER, Christine; BIÃO, Armindo. São Paulo: Annablume, 1999.

RIBAS, Cristina. **A cidade repete o homem**. Revista Redobra. Bahia. N° 8, s/a. Disponível em: <<http://www.corpocidade.dan.ufba.br/redobra/r8/jogo-e-catimba-8/a-cidade-repete-o-homem/>>. Acesso em: 20 Ago. 2012.